

4 Apresentação das crianças envolvidas na pesquisa

O grupo de oficina na escola particular era composto por 16 crianças (quatro meninos e 12 meninas), com idades entre 11 e 13 anos, com um número maior de crianças de 11. Nove dos alunos eram estudantes da 5ª série e sete já cursavam a 6ª série. Todos são moradores da Barra da Tijuca e bairros próximos, como São Conrado e Recreio dos Bandeirantes. As profissões de seus pais variam, mas a grande maioria está ligada a funções que exigem nível superior, como médicos, engenheiros e advogados. Quatorze dessas crianças se consideram brancas, uma se considera parda e uma não sabia como responder a essa questão⁷.

A escolha desses alunos para participarem da oficina não partiu da pesquisadora, mas sim das próprias crianças. Como o colégio adota um sistema de oficinas – e elas acontecem semanalmente - o jornalismo figurava como opção de escolha para os alunos, ao lado de robótica, teatro e dança. Eles próprios se inscrevem na oficina da qual querem participar durante o semestre. No início das nossas atividades, o número de alunos era 13, mas, até o quarto encontro, ele aumentou para 16 e assim permaneceu até o final. Os motivos apontados pelas crianças para terem escolhido jornalismo foram: “gosto de escrever” ou “gosto de Português”, “queria saber como se faz um jornal”, “meus amigos se inscreveram aqui e eu acompanhei” e “nunca tinha visto oferecerem oficina de jornalismo, quis ver como era”.

Já na escola pública, o número oficial de participantes era 43 e, por ser um número elevado, a turma foi dividida em dois grupos. Com o grande número de faltas, no entanto, nunca havia mais do que cerca de 35 alunos no total, resultando em uma média de 17 alunos por grupo de oficina. Entre os motivos apontados por eles para essas faltas estavam, principalmente, “problemas de saúde” e “questões de família”. Pela lista de chamada, havia 19 meninos e 24 meninas, todos alunos da 5ª série, com idades entre 11 e 16 anos, com um número maior de crianças de 11 e 12 anos. Cerca de 70% deles são moradores da Rocinha e quase todo o restante se divide por bairros ou comunidades próximos a essa comunidade, como

⁷ Informações obtidas através de aplicação de questionário para identificar nível sócio-econômico. Ver em Anexos.

Vidigal, Leblon e Lagoa. As profissões dos pais são, em sua maioria, ocupações que não exigem nível superior, como motorista, marceneiro, pedreiro, gerente de supermercado, mecânico, entre outros. Cerca de 57% dessas crianças afirmaram ser de cor parda, enquanto cerca de 28% disseram ser de cor negra e 10% branca. Apenas 5% dos alunos não souberam responder a essa questão⁸.

A escolha dessa turma para a realização das oficinas foi um acerto entre a pesquisadora, a coordenadora da escola e a profissional responsável pela sala de leitura da instituição. A coordenadora explicou que desejava, ela própria, ter mais informações a respeito desses alunos, considerados apáticos e desmotivados por muitos professores. A responsável pela sala de leitura também considerou uma boa escolha pela possibilidade de ter alguns dos horários cedidos pela professora de História desta turma, afirmando que ela conhecia bastante os alunos e poderia me auxiliar no que fosse necessário. Segundo a responsável pela sala de leitura, essa professora era “bastante preocupada com os alunos” e “muito responsável”. As crianças, de início, estranharam o fato de terem oficinas de jornalismo, algo que nunca haviam experimentado.

4.1 Nível sócio-econômico

A aplicação de um questionário com questões destinadas a identificar o nível sócio-econômico (NSE) das crianças participantes foi a última atividade realizada com elas, durante as últimas semanas de aula, quando as nossas atividades com jornalismo já haviam sido encerradas⁹. O estranhamento por parte de todos com relação ao questionário, tanto dos alunos da escola particular, quanto dos da escola pública, foi imediato e foi necessário que eu explicasse que as oficinas faziam parte de uma pesquisa para uma dissertação de mestrado e que, por isso, era importante saber certas questões sobre suas vidas. Importante ressaltar que a pesquisadora já havia, no início das oficinas, explicado que as atividades serviriam para uma pesquisa de campo, como meio de obter resultados acerca da interação entre crianças e jornalismo. Alguns alunos da escola particular

⁸ Informações obtidas através de aplicação de questionário para identificar nível sócio-econômico. Ver em Anexos

⁹ O questionário completo está em anexo.

chegaram a perguntar se eu poderia divulgar para eles os resultados da pesquisa, quando fosse concluída.

As direções das duas escolas consentiram com a aplicação dos questionários, desde que os alunos não fossem identificados, com a intenção de preservá-los, e que o preenchimento do mesmo fosse opcional. Nenhuma das crianças, apesar dos questionamentos iniciais, negou-se a responder. Das 16 crianças da escola particular, 15 preencheram os formulários. Já na escola municipal, 35, das 43 crianças, responderam às questões. Os alunos que faltaram às últimas semanas de aula não puderam ser incluídos nesta amostragem. Os questionários foram aplicados em grupos de três a quatro crianças, com o acompanhamento da pesquisadora, para que não houvesse dúvidas a respeito das questões.

Nas tabelas abaixo é possível visualizar os resultados mais relevantes, obtidos com a aplicação do questionário. Os percentuais foram aproximados quando necessário:

Tabela 1

Você mora com:	ESCOLA PARTICULAR	ESCOLA PÚBLICA
Avó(s) e/ou avô(s)	14%	15%
Mãe ou madrasta	100%	95%
Pai ou padrasto	74%	90%
Irmão ou irmã (incluindo meio-irmãos e irmãos de criação)	67%	63%
Outras pessoas	47%	27%

Tabela 2

Quantas pessoas moram com você?	ESCOLA PARTICULAR	ESCOLA PÚBLICA
Moro com 1 pessoa	0%	0%
Moro com 2 pessoas	20%	11%
Moro com 3 pessoas	27%	26%
Moro com 4 a 5 pessoas	47%	48%
Moro com 6 a 8 pessoas	6%	15%
Moro com mais de 8 pessoas	0%	0%

O nível de escolaridade dos pais é, certamente, uma das questões que mais diferem nos resultados, quando comparamos alunos da escola pública com alunos da escola particular.

Tabela 3

Escolaridade da mãe (ou outra mulher responsável):	ESCOLA PARTICULAR	ESCOLA PÚBLICA
Nunca estudou	0%	0%
Até a 4ª série	0%	21%
Até a 8ª série	0%	42%
Até o ensino médio	20%	16%
Até o ensino superior	60%	0%
Não sei	20%	21%

Tabela 4

Escolaridade do pai (ou outro homem responsável):	ESCOLA PARTICULAR	ESCOLA PÚBLICA
Nunca estudou	0%	11%
Até a 4ª série	0%	22%
Até a 8ª série	0%	39%
Até o ensino médio	0%	11%
Até o ensino superior	90%	6%
Não sei	10%	11%

Sobre os itens que possuem em casa, é importante ressaltar, para esta pesquisa, as diferenças nos resultados obtidos nas questões de “assinatura de jornal” e “acesso à internet”. Apesar de os números da escola pública parecerem baixos, se comparados aos da escola particular, nesses quesitos, constatou-se, nas oficinas, que os jornais lidos pelas famílias das crianças da escola pública são comprados em banca, pois muitas dessas publicações não possuem sistema de assinatura, como é o caso dos jornais “Extra” e “Meia Hora”. Isso quer dizer que a maior parte desses estudantes possui jornal em casa todos os dias, mas ele não é entregue, sendo comprado na banca pela manhã.

A possibilidade de acessar a internet de casa é bastante reduzida entre os alunos da escola municipal. Vale ressaltar, no entanto, que foi percebido, também através das oficinas, que o acesso à rede mundial de computadores é feito, com alguma frequência, em casa de parentes que moram próximos ou de vizinhos, em *lan houses* e na escola. Isso explica, em parte, a familiaridade que essas crianças demonstram ter com sítios de relacionamento como o orkut; de busca, como o Google; além de ambientes de troca sincrônica de mensagens, como o MSN. O uso de computadores, mesmo sem acesso à internet, é feito em casa por uma boa parte delas, como se pode constatar na tabela 3.7, que mostra que 47% das crianças da escola pública possuem pelo menos um computador em casa. Segundo elas, ele é usado para criar apresentações de trabalhos escolares, principalmente com o uso de editores de texto.

Tabela 5

Você possui em casa:	ESCOLA PARTICULAR	ESCOLA PÚBLICA
Assinatura de jornal	94%	15%
TV a cabo ou por assinatura	87%	85%
Revistas de informação geral	94%	69%
Fitas de vídeo ou DVDs	100%	90%
Livros de literatura	100%	85%
CDs de música	100%	90%
Acesso à internet	94%	32%
Instrumentos musicais	54%	32%

A televisão e os aparelhos de vídeo e DVD são, claramente, itens valorizados. Quase todos os lares possuem, pelo menos, dois televisores, quando não mais (ver tabelas 3.6 e 3.7). O mesmo acontece com telefones celulares. Em duas das oficinas, todas as crianças declararam assistir à televisão todos os dias, por pelo menos três horas.

Tabela 6

ESCOLA PARTICULAR				
Itens que você possui na sua casa:	Quantidades			
	0	1	2	3 ou mais
Banheiro	0%	0%	40%	60%
Rádio	0%	20%	14%	66%
Televisão	0%	0%	0%	100%
Videocassete ou DVD	0%	20%	26%	54%
Computador	0%	53%	13%	34%
Telefone fixo	0%	20%	6%	74%
Telefone celular	0%	0%	0%	100%
Máquina de lavar	0%	100%	0%	0%
Automóvel	13%	20%	53%	14%

Tabela 7

ESCOLA PÚBLICA				
Itens que você possui na sua casa:	Quantidades			
	0	1	2	3 ou mais
Banheiro	0%	90%	5%	5%
Rádio	0%	31%	54%	15%
Televisão	0%	5%	79%	16%
Videocassete ou DVD	11%	84%	5%	0%
Computador	53%	47%	0%	0%
Telefone fixo	16%	74%	11%	0%
Telefone celular	5%	20%	21%	54%
Máquina de lavar	26%	74%	0%	0%
Automóvel	74%	21%	5%	0%

4.2 Entrevista coletiva

O início das oficinas se deu com uma longa entrevista coletiva. Para que eu pudesse conhecer as crianças envolvidas na pesquisa, e elas a mim, minha proposta como primeira atividade era que todos fôssemos entrevistados. As perguntas, de tema livre, seriam formuladas por eles próprios. Um gravador, do mesmo tipo que é usado por repórteres de jornal impresso, foi o único equipamento utilizado. Sentados em roda, os alunos iam passando o gravador de mão em mão, com uma exigência: antes de responderem às perguntas feitas pelos colegas, cada um deveria dizer seu nome, idade e série. A partir daí, os colegas poderiam perguntar o que quisessem e estipulamos juntos que cada um responderia de três a quatro questões – o número foi o mesmo para todas as turmas.

A entrevista mostrou-se uma excelente fonte de informações, já que havia a possibilidade de conhecê-los não só a partir do que respondiam, mas principalmente através do que perguntavam. Por meio de seus questionamentos, foi possível detectar seus principais interesses, os assuntos que mais os atraíam, os temas que consideravam mais divertidos e, acima de tudo, as relações estabelecidas entre pessoas que já se conheciam, mas que ainda eram desconhecidas para mim. A brincadeira de perguntas e respostas introduziu o tema “jornalismo” de maneira leve, uma vez que nos divertíamos enquanto estávamos realizando uma entrevista de cunho jornalístico e deu-me a possibilidade de perceber, de modo sutil, quais eram os “grupinhos” já formados, os laços de amizade, o relacionamento entre meninos e meninas dentro de uma mesma turma e entre crianças de idades diferentes.

Os alunos da escola particular começaram a atividade de maneira mais tímida que os da escola pública. A possibilidade de perguntarem “qualquer coisa”, sobre “qualquer tema”, pareceu tê-los deixado perdidos por alguns instantes, como se estivessem atordoados. Eles chegaram a me pedir um exemplo, mas eu insisti que as perguntas deveriam ser formuladas por eles próprios. “*Futebol?*”, arriscou um menino de 11 anos. “*Podem perguntar sobre futebol e o que mais quiserem*”, respondi. A dificuldade inicial que encontraram para se entrevistarem

pôde ser percebida na primeira pergunta proposta por um menino. A primeira entrevistada, com o gravador em punho, disse:

Carolina, 12 anos: Meu nome é Carolina, tenho 12 anos e estou na sexta série.

Josy: Quem tem perguntas para a Carolina?

Tommy, 12 anos: Eu tenho. Qual é o seu nome? (risos)

Antes de a entrevista começar, os alunos me perguntaram se iriam produzir um jornal nas nossas oficinas e se essa entrevista poderia sair na publicação que montassem.

O tema central das primeiras perguntas feitas pelas crianças foi “escola”. Questões como “*Qual é a sua matéria preferida?*”, “*Você é muito c.d.f. [estuda muito]?*”, “*Qual o professor que você mais gosta?*” e “*Qual foi a série que você repetiu?*” foram colocadas para os primeiros entrevistados e eu percebi que, além de ser um assunto muito importante e presente em seu cotidiano, a escola era o principal elo de ligação entre os participantes da oficina na escola particular, que se conhecem desde pequenos porque estudam no mesmo lugar. Além disso, cabe ressaltar que, ao meu ver, essa foi uma das maneiras encontradas por eles mesmos de se apresentarem para mim, única desconhecida do grupo, já que muitos “entrevistadores” formulavam suas perguntas mesmo sabendo as respostas que seriam dadas por seus “entrevistados”. Um exemplo:

Flávia, 11 anos: Você é muito estudiosa?

Paula, 11 anos: Eu estudo normal, não é muito. Mas tiro notas boas.

Flávia, 11 anos: Ela é muito inteligente! Eu sei que ela estuda pouco e sempre se dá bem.

Eric, 11 anos: É mesmo! Tirou 75 no teste e ficou triste! E 75 é uma nota ótima!

Além de “escola”, os temas que apareceram com bastante frequência, durante a entrevista coletiva, foram “televisão”, principalmente a novela “Rebelde”¹⁰, além de “filmes”, “namoro” e “esportes”. Questões sobre atributos físicos, apelidos e nomes também surgiram no meio da conversa. Eles

¹⁰ “Rebelde” é uma telenovela mexicana produzida pela Televisa. No Brasil, é exibida pelo SBT. “Rebelde” é um *remake* da telenovela argentina “Rebelde way”, trama adolescente que retrata diferentes temas cotidianos como primeira relação sexual, orfandade, preconceito com obesos, relacionamento pais e filhos, entre outros. <http://www.sbt.com.br/rebelde>. Acesso em 3 de janeiro de 2007.

perguntavam uns para os outros por que e como ganharam certos apelidos ou quem foi o responsável pelas escolhas de seus nomes.

As diferenças de interesse entre meninos e meninas ficou bem clara durante o jogo na escola particular: para as meninas, eram formuladas perguntas sobre “novelas” e “namoro”; já para os meninos, quase só se perguntava sobre “esporte”. Apenas “escola” parecia ser um assunto comum.

O tema “Rebelde”, tão importante para a maior parte das meninas da oficina, foi motivo de desacordo entre os participantes. Os meninos faziam pouco caso da novela, que acham “muito chata e sem graça”, enquanto as meninas, com exceção de uma, que não gosta da novela, tentavam justificar suas opiniões e gostos.

Brenda, 12 anos: Morgana, você é rebelde de verdade ou apenas se faz de rebelde?

Ben, 11 anos: Ai, que coisa ridícula...

Patrick, 11 anos: Elas só sabem falar dessa novela.

Morgana, 12 anos: Eu não sei, só sei que gosto da novela. Se vocês [meninos] não gostam, não precisam assistir, ué!

As meninas, por sua vez, não pareciam ter problemas com o assunto “esporte”, presente em quase todo o discurso masculino: procuravam emitir suas opiniões sobre o tema, defendiam times, falavam sobre a seleção brasileira e formulavam perguntas para os meninos sobre eventos esportivos. Ao final da atividade, na entrevista feita com os dois últimos meninos, o assunto foi apenas um: “Copa do Mundo”.

A leitura foi lembrada uma única vez pelas crianças e, mesmo assim, surgiu por acaso, ao falarem sobre o filme “Harry Potter”¹¹. Ao ser perguntada sobre qual o melhor filme que já tinha visto na vida, uma menina de 12 anos afirmou terem sido todos os da série do menino bruxo, aos quais assistiu no cinema. Foi então que outra menina questionou se ela havia lido os livros, antes de ver os filmes. Ela afirmou ter lido apenas metade do primeiro porque não teve

¹¹ Harry Potter é o nome da série literária criada pela escritora inglesa J.K. Rowling. Seis dos sete livros planejados já foram publicados. Eles descrevem um mundo de bruxos e o protagonista é o jovem bruxo órfão Harry Potter. O primeiro livro foi lançado em 1997, na Grã-Bretanha. Os quatro primeiros livros deram origem a filmes e o quinto filme deverá ser lançado em 2007. As vendas do livro, em todo o mundo ultrapassam 300 milhões de cópias. Informações obtidas através do site: <http://pt.wikipedia.org> Acesso em 5 de janeiro de 2007.

paciência de chegar até o final. “Harry Potter”, aliás, é tema conhecido por todos, que contam as histórias da série sempre a partir dos filmes e não dos livros.

Em pouco tempo, os participantes da oficina não apresentavam mais nenhuma timidez ou dificuldade na formulação das perguntas. Logo desenvolveram uma técnica de entrevista, comum aos jornalistas, de fazerem considerações sobre as respostas do entrevistado, como uma espécie de réplica, a fim de obterem novas respostas ou ratificações.

Carolina, 12 anos: O que você achou da cabeçada que o Zidane deu no outro jogador durante a Copa do Mundo?

Ben, 11 anos: Eu achei bom porque não gosto do Zidane. Acabou com a carreira dele.

Carolina, 12 anos: Você acha, então, que o nome dele ficou sujo...

Ben, 11 anos: Com certeza.

Outro ponto importante, percebido durante a primeira atividade na escola particular, foi o uso que os alunos fizeram de informações obtidas através de jornais ou de outras mídias para dar continuidade às suas conversas, chamar a atenção dos outros ou demonstrar conhecimento sobre o assunto que está sendo tratado no momento. Apesar de não terem falado explicitamente sobre a leitura de notícias, ficou claro que, assim como os adultos, as crianças se valem do famoso “deu no jornal”.

Eric, 11 anos: Saiu no jornal que o Zidane deu a cabeçada no cara porque o italiano chamou a irmã dele de prostituta duas vezes.

Brenda, 12 anos: Sério?

Ou ainda:

Brenda, 12 anos: Bruna, qual foi o filme que você mais gostou na vida?

Bruna, 12 anos: Harry Potter.

Ben, 11 anos: Rapidinho, deixa eu falar uma coisa para vocês. Sabe aquele filme “Eliana e o mistério dos golfinhos”? Então, estava escrito no jornal, na crítica do “Globo”, que ele era “um atentado à mente das crianças”. (risos)

Quando tiveram a oportunidade de fazer perguntas para mim, ao final da entrevista, as questões giraram em torno, principalmente, do jornalismo, já que eu havia dito que essa era a minha formação na graduação. Além de terem ficado espantados com a minha idade, queriam saber em que ano eu havia saído da escola e com quantos anos eu decidi fazer jornalismo. O ano em que eu havia

saído da escola, eles me disseram, era o mesmo em que a maioria deles havia nascido. Para eles, nossa diferença de idade era grande. Finalizando a entrevista, eles queriam saber que “famosos da televisão” eu já havia entrevistado. Perguntaram, especialmente, pelos atores e atrizes da novela “Malhação”¹², considerados “pessoas importantes” pelas meninas.

Na escola pública, em ambos os grupos de oficina, a brincadeira foi prontamente aceita. Sem nenhuma dificuldade para formularem as primeiras perguntas, as crianças também começaram pelo tema “escola”, mas, diferentemente dos estudantes do colégio particular, pouco se detiveram nele. “Televisão”, com destaque para as novelas “Cobras e Lagartos”¹³, “Rebelde” e “Malhação”, além de “esportes”, “lugares que gostam”, “lugares que gostariam de conhecer”, “namoro” e, principalmente, “música” foram os assuntos mais abordados. Em um dos grupos, a religião foi bastante lembrada, já que muitos freqüentam igrejas, seja para participar de grupos de catecismo ou para fazer parte do coral. As duas perguntas mais freqüentes durante as entrevistas coletivas, porém, foram: “*Você gosta de quem?*” e “*Que tipo de música você mais gosta?*”.

Por ser uma turma maior e por fazerem parte de um colégio com muitos estudantes, um número mais elevado que o da escola particular, esses alunos, que até o ano anterior estudavam em outros colégios, pareciam se conhecer menos. Bastante entusiasmados com a brincadeira, faziam questão de encorajar os mais tímidos, que tinham vergonha de pegar o gravador e responder às questões levantadas pela turma. Várias vezes, durante a entrevista, manifestaram o desejo de se ouvirem, pedindo que eu retornasse a fita.

O fenômeno “Rebelde” apareceu logo que o assunto televisão foi abordado e, assim como na escola particular, a divisão de gostos entre meninos e meninas tornou-se perceptível, com reclamações sobre o tema por parte dos meninos.

Rian, 11 anos: O que você gosta de ver na televisão?

Stefani, 12 anos: Novelas, “Rebelde”, jornais e só. [parte da turma, neste momento, começou a vaiar].

¹² “Malhação” é uma telenovela, produzida e exibida pela Rede Globo, cuja trama se passa em uma escola e conta, em geral, histórias do dia-a-dia de adolescentes, na maioria da classe média alta carioca, com seus conflitos cotidianos como escola, amigos, famílias e relações amorosas. <http://www.globo.com/malhacao>. Acesso em 6 de janeiro de 2007.

¹³ “Cobras e lagartos” foi uma telenovela brasileira, produzida e exibida pela Rede Globo, no horário das 19h15m. A trama se passa em diversos cenários, sendo o principal deles uma loja de alto luxo, e suas histórias envolviam brigas por herança, antagonismo entre pobres e ricos, entre outros. <http://www.globo.com/cobraselagartos>. Acesso em 6 janeiro de 2007.

Rian, 11 anos: Só podia ser, elas só falam nisso. É “Rebelde” o dia inteirinho...

É como se o fato de as meninas gostarem tanto e serem tão apaixonadas pelos atores e atrizes da novela fosse motivo para chacota. A telenovela é apreciada pelas garotas na faixa dos 12 anos, que parecem formar um grupo coeso, em função do gosto em comum, da mesma forma que acontece na escola particular¹⁴. Ainda assim, outros programas de televisão mereceram grande destaque, diferentemente do que aconteceu na outra escola, como a novela “Cobras e Lagartos”. Desenhos animados, em especial o “Bob Esponja”, também foram citados.

Jacimara, 11 anos: Qual é a novela que você mais gosta?

Jady, 11 anos: “Cobras e Lagartos”. Gosto porque é divertida. Não me identifico com ninguém da novela, mas acho que esse programa mostra mais a vida como ela é, parecida com a nossa. É a mesma coisa que acontece com “Páginas da Vida” e “Malhação”.

Ver televisão, aliás, é o programa preferido da maioria dessas crianças, em seus momentos de lazer. Entre as atividades mais apreciadas por elas nas horas livres estão, nesta ordem: assistir TV, jogar vídeo game e ler revistas (gibis da “Turma da Mônica” e revistas voltadas para o público adolescente, como “Capricho”, e adulto, como “Quem”). O interesse por música também ficou evidente pela quantidade de perguntas feitas sobre o assunto. As preferências se dividiram entre o “funk” e o “hip-hop”. Um tópico ainda bastante discutido por elas foi a escolha de filmes, que são assistidos, geralmente, em casa, em DVD ou nos canais de TV por assinatura¹⁵. Filmes de terror são os mais lembrados, tanto por meninos, quanto por meninas.

¹⁴ Cabe lembrarmos aqui o conceito de “comunidade interpretativa”, que Varela (1999) explica em seu texto “De las culturas populares a las comunidades interpretativas”. A partir de um conceito desenvolvido por Canclini, Varela ressalta que comunidades interpretativas são formadas por pessoas que possuem os mesmos gostos e os mesmos pactos de leitura para certos bens, o que lhes confere o que poderíamos chamar de identidades compartilhadas. Assim, o consumo se dá de forma coletiva e as seleções dos produtos a serem consumidos acontecem de acordo com a sua valorização social. <<http://www.felafacs.org/files/8.%20Mirta.pdf>>. Acesso em 10 de janeiro de 2007.

¹⁵ O percentual de crianças da escola pública que declarou ter TV por assinatura em casa foi de 85%. Muitas delas, moradoras da Rocinha, explicaram que têm acesso aos canais pagos através da TV ROC, uma operadora de TV a cabo legalizada que funciona dentro da comunidade, onde os serviços de instalação e assinatura são mais baratos que o convencional.

Houve ainda outras duas perguntas muito repetidas durante a entrevista: “Qual é o seu lugar preferido?” e “O que você quer ser quando crescer?”. A praia foi o lugar mais lembrado pelos alunos entrevistados, seguida pelo shopping. Já sobre os planos para o futuro, apenas dois alunos tinham idéia do que queriam ser quando crescessem: uma pretendia ser veterinária e outro, jogador de futebol. Outras quinze crianças não souberam responder à questão.

Jacimara, 11 anos: Ele gosta de cantar, professora. Na aula de artes, ficou cantando uma musiquinha que fazia todo mundo rir.

Josy: Você quer ser músico, Danilo?

Danilo, 12 anos: Não, quero ser jogador de futebol!

Jacimara, 11 anos: Essa vai ser a sua profissão?

Danilo, 12 anos: É, vou ser jogador de futebol. E trabalhador também.

A questão da leitura foi bastante lembrada nas perguntas, mas poucos alunos recordavam os títulos que haviam lido nos últimos tempos. O questionamento “Qual o seu livro preferido?” foi feito, pelo menos, nove vezes. As respostas variaram e foram desde de “livro de histórias” até “o livro da Bruna Surfistinha”, mas o que mais se ouviu foi “não sei...”.

Assim como na escola particular, os alunos da escola pública também fizeram, diversas vezes, associações entre suas conversas e notícias que haviam lido em jornais ou visto na televisão.

Iramara, 12 anos: Qual é a banda que você mais gosta?

Jacimara, 11 anos: Eu adoro a banda Calypso.

Jady, 11 anos: Vocês viram o que aconteceu com aquele dançarino da banda Calypso? Eu ouvi falar que ele morreu, né?

Douglas, 12 anos: O cara se jogou da varanda do prédio!

Ao perceberem que podiam me entrevistar, no final da rodada, não se intimidaram e fizeram um bom número de perguntas, como se já estivessem familiarizados com o processo de “entrevista”. Assim como na escola particular, ficaram impressionados com a minha idade e fizeram perguntas sobre minha vida (se era casada, se tinha filhos, se queria ter filhos, quais matérias gostava mais quando estava na escola, que outros países conhecia, que outras línguas falava, se tinha animais de estimação e que tipo de filme eu mais gostava).

4.3 Relações criança/pesquisadora e criança/material utilizado nas oficinas

A análise das gravações em áudio e vídeo das oficinas indica que a relação estabelecida entre a pesquisadora e as crianças variou bastante de uma escola para outra. A partir do momento em que já tinham um sistema de oficinas em funcionamento no colégio, os alunos da escola particular não estranhavam que aquele tipo de atividade, extra-curricular, estivesse sendo oferecido a eles. Assim, tinham menos receio de se aproximarem de mim e só me chamavam pelo meu primeiro nome. Já na escola pública, provavelmente pelo estranhamento, a relação parecia ser mais “cerimoniosa”, percebida no fato da maioria dos alunos só me chamar de “professora”, apesar de eu ter esclarecido, desde o início, que eles poderiam me chamar pelo meu nome.

Os alunos da escola particular por vezes deixaram de cumprir tarefas, não tinham constrangimento em dizer que não gostavam de certas atividades propostas por mim e, em alguns momentos, não davam atenção ao material oferecido na oficina. Isso, de certa forma, se refletiu de maneira positiva na pesquisa, pois me deu a possibilidade de conhecê-los melhor, perceber seus reais gostos e vontades. Tais fatos só ocorreram na escola pública bem no final da nossa rotina de encontros, quando já havíamos adquirido uma grande intimidade, e, mesmo assim, aconteceram com pouca intensidade. Parecia evidente que eles próprios, estudantes da escola pública, defendiam a idéia de que eu deveria assumir um tom “professoral”. Em momentos de muita conversa e, como se diz em sala de aula, “bagunça”, ouvia alguns alunos chamando a atenção de outros, dizendo que “*deveriam ter mais respeito com a professora*” ou que “*eu poderia estar querendo falar e eles não estavam deixando*”.

Uma pequena conversa gravada com uma aluna da escola pública é exemplar. Em uma das oficinas, quando os alunos disputavam revistas que haviam sido distribuídas por mim e conversavam muito alto, ela se aproximou e disse:

Evelin, 13 anos: Você tem que ficar estressada, igual à professora, para fazer esses alunos calarem a boca.

Josy: Você acha mesmo necessário? Por quê?

Evelin, 13 anos: Não tem outro jeito, só falando alto com eles. [neste momento, as meninas pediram que os meninos fizessem silêncio]

A relação “professora-aluno”, esperada por eles, ainda teve reflexos na produção do material nas oficinas. Todas as vezes em que eu propunha a realização de uma tarefa e, principalmente, no final das atividades, quando montamos nossas próprias publicações, alguns participantes me perguntavam “*esse trabalho vale nota?*”. Na escola particular, por saberem que seus trabalhos certamente não valeriam nota nas oficinas, os alunos se viam sempre desobrigados e realizavam as propostas de atividade quando desejavam.

Outro ponto que merece ser destacado é a diferença no tratamento de materiais oferecidos durante as oficinas. Os alunos da escola particular constantemente me pediam mais folhas brancas porque queriam refazer seus desenhos. Com o enorme desperdício, comecei a pedir que eles riscassem o que não estava “bem feito”, em suas opiniões, e aproveitassem a mesma folha em que haviam começado a desenhar. Isso, no entanto, não parecia fazer muita diferença e os pedidos pelas folhas brancas continuaram até o fim das oficinas. Na escola pública, ao contrário, os alunos automaticamente reaproveitavam suas folhas brancas e eu nunca cheguei a ouvir um pedido de folha extra. Além disso, após uma análise de todo o material produzido pelas crianças, percebi que os alunos da escola pública, em sua grande maioria, desenhavam imagens reduzidas, que ocupavam um pequeníssimo espaço na folha. Um enorme contraste, sem dúvida, com os alunos da escola particular, que faziam desenhos enormes, ocupando quase toda a folha.

O interesse por fazer um trabalho bonito, no entanto, foi comum aos grupos de ambas escolas. As “brigas” pela caneta de tal cor ou pelo lápis de tal forma eram recorrentes em todas as atividades, um sinal de que se preocupavam em apresentar algo que, para eles, fosse de qualidade.